

JORNAL DO COMMERCIO

PROPRIEDADE DE JOSÉ DA SILVA CASCAES

PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA

ASSIGNATURA (CAPITAL)
Por anno..... 4\$000
Por seis mezes..... 2\$000

Avulso 40 rs.

ASSIGNATURA (PELO CORREIO)
Por anno..... 5\$000
Por seis mezes..... 3\$000

ANNO I

SANTA CATHARINA—Desterro, 10 de Novembro de 1880

Num. 39

EXTERIOR

CORRESPONDENCIA UNIVERSAL

Pariz, 4 de Outubro, de 1880.

O congresso litterario internacional reunido em Lisboa, de 20 a 29 de Setembro p. p., votou uma proposta convidando o governo brasileiro a garantir por lei, a propriedade litteraria. Tal proposta foi apresentada ao congresso pelo Sr. Julio Lermina, romanista francez, depois de um impetuoso discurso do Sr. Pinheiro Chagas reclamando contra a pirataria litteraria que se acuta no Brazil.

O nosso illustre compatriota e Dr. Santa Anna Nery, não pôde, por um gravissimo incommodo de saúde, ir a Lisboa, onde occuparia, por sem duvida o lugar distincto que lhe competia na qualidade de vice-presidente da associação litteraria, a cuja iniciativa é devido o congresso de Lisboa. Mal chegou a Pariz a noticia da ordem do dia votada em Lisboa, o nosso patricio dirigio a imprensa o relatório apresentado por elle a associação, impresso á custa d'esta e por ordem d'ella remetido a todos os congressistas. D'esse interessante documento traduzo os seguintes excerptos que me parecem mais notaveis:

«A verdadeira litteratura brasileira, diz elle, data dos primeiros dias da nossa inde-

pendencia (1822). Muito mais do que esse monarcha celebrado por um cortejão, tem a Liberdade o dem de gerar litteratos com um relance de olhos. Graças á Liberdade, possuímos hoje em dia, não só escriptores de todos os generos, mas tambem uma litteratura nacional brasileira, que differe da litteratura portugueza propriamente dita na forma e no fundo. Verdade é que não brotou do solo como o fructo de uma geração espontanea. Primeiro que tudo, teve que soffrer o influxo dos escriptores da mãe-patria, de Portugal. Houve tempo em que os nossos poetas erão todos pastores do Tejo, em que os nossos estadistas celebrarão á porfia as bellezas dos vetustos codigos lusitanos. Foi essa uma influencia imposta pelas circumstancias, fatal. Depois soffremos o influxo francez que ainda subsiste.

Tal influencia deve de se attribuir a varias causas: primeiro ás ideias liberaes geradas pela revolução franceza e que era mister diffundir entre nós; depois, ao esplendor do movimento romantico francez cujo brilho reflectio-se até nas nossas longinquas plagas; emfim, ás migrações da mocidade estudiosa que venha á França á busca de sciencia.»

Depois de fallar detidamente das traducções no Brazil, e explicar a desastrosa influencia d'estas no genio nacional, o Dr. Nery conclue do modo seguinte, respondendo d'an-

temão ás accusações que, depois, foram assacadas ao nosso paiz pelos escriptores portuguezes presentes ao congresso: «Dizem-nos aqui e algures:—Vós outros, brasileiros, viveis de pirataria litteraria; estais a enriquecer-vos á nossa custa, e, nem ao menos, nos convidais para comermos os restos do festim que vos preparámos. Sois para a litteratura o que era, outr'ora Argil para o commercio.» —Taes queixas tam sido proferidas muitas vezes e no anno passado, um mestre na arte de escrever, o Sr. Pinheiro Chagas deu-lhes uma fórma brilhante n'uma «Carta a S. M. o Imperador do Brazil.» Será facil a nossa resposta, e o proprio Sr. Pinheiro Chagas já respondeu por nós.

«Sim, sois roubados no Brazil. Mas taes roubos são raramente feitos por patricios nossos. Todos aquelles que conhecem o Brazil, sabem os nomes dos editores de livros, dos empregarios de theatros e adaptadores de peças dramaticas, que se tornão rios d'esses emprestimos... forçados. Taes nomes são quasi todos nomes de estrangeiros. Fazemos mal em dar-lhes hospitalidade, concedo. Faz mal a nossa legislação em protegel-os; tambem concedo. Mas confessai, senhores e collegas, que não é o Brazil a unico refugio d'esses novos piratas. Em toda a America, na America meridional, septentional-central, tambem não está protegida a propriedade

FOLHETIM 37

CHARLES DESLYS

O JURAMENTO DE MAGDALENA

XVIII

Atravez dos Vosges

Pobre Pegaso! murmurou um dos pequenos em guisa de oração funebre.

Os outros dias soltaram cada um um grande suspiro.

Evidentemente, para toda a familia o cavallo tinha sido um collega, um amigo.

—Substituímol-o, proseguiu o tio, por um theatro de titeres... onde, como está vendo representamos *Tentação de Santo Antonio*, *Victor ou o Menino das Selvas*, *Genoveva de Brabante* e outros melodramas muito gostados do publico.

Mas o classico, presentemente, não dá nada... só se fosse acompanhado com musica d'Offenbach... e apesar dos prodigios acrobaticos da familia, apesar dos meus créditos comicos, as nossas

ultimas peregrinações estão muito longe de terem sido brillantes... Se, do alto d'estas montanhas não desce a fortuna para as nossas bolsas... *flambatus est*.

—Penuria suprema! exclamou a mulher, teremos de queimar os bonecos.

—Melhor é ha de fazer Deus! replicou o resignado Hercules...

Deus não nega o sustento ás aves do céu, nem ás alimarias da terra!

E, dizendo, começou a brincar com as creanças. Era a hora do ensaio. Os exercicios foram acompanhados com couplets dos *Gueux* e dos *Bohemios* Béranger.

—Isto avigora o musculo, disse o saltimbanco, é a esperança!

Tudo attestava a sinceridade de tal quadro, de taes palavras. Magdalena, todavia, quiz tentar uma prova.

No dia seguinte, dia de chuva, e, por consequente, de descanso, estando as creanças a almoçar pão secco, Magdalena deixou cair intencionalmente junto dos pequenos uma bolsa com algumas moedas de prata.

Uma hora depois a pequena vem restituir-lh'a.

—Olhe que lhe esqueceu isto lá em casa, disse ella.

A viuva de João Mathias fez com que os seus pobres vizinhos partilhassem entre si aquella pequena quantia.

—Boa gente! disse ella comsi-go mesma. Não foram elles com certeza!

Cerca da primavera, Magdalena achava-se em Mulhouse.

Um domingo pela manhã, quando o Pedrinho a estava ajudando a apparellhar a carroça, Magdalena ouviu de repente uma voz muito conhecida exclamar por detraz d'ella:

—Isto é que se chama ter sorte! Encontral-os assim a ambos á sahida do comboio. Sou eu, sim, menino Pedrinho! E' este seu criado, senhora Magdalena!

O individuo que assim fallava era Barnabé.

XIX

Noticias de Pariz

—E's tu, Barnabé! Tu, por aqui!... Mas como é isso? exclamarão por seu turno Magdalena e Pedrinho.

O digno rapaz explicou que tinha aproveitado de um comboio de recreio a preços reduzidos de Pariz a Mulhouse, e que ardia em desejos de conversar com a viuva do seu defuncto patrão.

A maneira por que fallava, o olhar annunciavam que tinha alguma revelação importante a fazer.

Magdalena conduzio-o ao modesto quarto onde estava hospedado. N'um abrir e fechar d'olhos foi posta a mesa, e bem depressa o viageiro, satisfazendo um appetite aguçado por doze horas de caminho de ferro, começou nos seguintes termos.

—Devo primeiro completar o que lhe disse... ou antes começar a historia do principio... porque tenho graves receios de que as mingas cartas não fossem muito claras. Chegaria a entendel-as?... Que quer, graças ao defuncto patrão, que Deus haja, manejo soffrivelmente a plaina... Mag pelo que toca á penna... é ferramenta com que não me entendo!

—Effectivamente, confirmou Magdalena enchendo-lhe o copo, o teu estylo é um pouco obscuro...

litteraria. Na propria Europa, ainda tendes muito que fazer para firmar os direitos da propriedade intellectual em varios estados. Nenhum d'aquelles que pugnão nas vossas fileiras em prol da propriedade litteraria é mais desinteressado do que nós outros, os sul-americanos. Muitos annos hão de decorrer sem sermos mais do que consumidores da nossa producção litteraria. Quando pois: erguemo-nos para defendel-a só temos em vista os interesses superiores da verdade, da justiça e da confraternidade, por isso que nos parece sabranamente injusto que a lei cubra com seu manto protector a mostarda do Sr. Bornibus e deixe alguns piratas roubarem a *Nossa Senhora de Paris*, de Victor Hugo.»

Esse relatório faz, pois, justiça summaria de todas as acusações dirigidas contra o nosso paiz que sempre encontrou n'esse nosso illustrado compatriota um campeão activo e denodado.

INTERIOR

Correspondencia do «Jornal do Commercio»

Rio, 3 de Novembro de 1880.

No senado os Srs. Celso, membro do fallecido gabinete de 5 de janeiro, e Silveira Lobo depois de se terem injuriado, quasi que... chegarão ás bofetadas.

Enquanto assim se brincava na camara dos senadores, na dos senhores deputados tratava-se de cousas serias.

O Sr. ministro da agricultura em nome do poder executivo apresenta e lê o seguinte concernente ás colonias de Santa-Catharina.

«Artigo 1.º E' aberto ao governo, pelo ministerio dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, um credito extraordinario da quantia de 178:967\$331, afim de occorrer á despesa necessaria com a reconstrucção das estradas e obras d'arte destruidas nas colonias Itajahy, Principe D. Pedro e Blumenau, da provincia de Santa-Catharina, pela enchente dos rios Itajahy-assu, Itajahy-mirim e seus afluentes.

«Artigo 2.º O referido credito poderá ser despendido nos exercicios de 1880—1881 e 1881—1882.

Artigo 3.º O ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda é autorisado a fazer operações de credito para pagar a sobredita despesa, no caso de insufficiencia da receita dos mencionados exercicios.

Artigo 4.º Ficão revogadas as disposições em contrario.

Palacio do Rio de Janeiro, 28 de Outubro de 1880.—Ministro do Imperio.—*Manoel Buarque de Macedo*.

O Sr. presidente declarou que a camara tomaria na devida consideração a proposta.

Mas um sublime astro desaparece do firmamento brasileiro deixando immensa lacuna no senado e no paiz.

O eminente estadista, visconde do Rio Branco no dia 1.º de Novembro ás 7 horas e 5 minutos, cercado de sua illustre familia e numerosos amigos findou a sua gloriosa existencia.

Ha cerca de dous annos, quando desembarcava em Lisboa sentiu o primeiro insulto do terrivel mal que mais tarde devia arrebatá-lo á patria; chorosa hoje ao lembrar-se que foi elle quem quebrou os ferros da escravidão.

Quando por occasião do nono anniversario do grande acto legislativo que estancou a fonte da escravidão no Brazil, disse elle:

Tem sido grande festa. Sensibilisado profundamente pelas demonstrações que de toda parte lhe chegavam.

Entretanto o seu estado era gravissimo.

Soffria elle muito, mas fazia soffrer o menos possivel aquelles que o rodeavam.

O finado, José Maria da Silva Paranhos, era filho legitimo do Sr. Agostinho da Silva Paranhos e D. Josepha Emerenciana Barreiros, fallecidos ambos.

Occupou durante sua brilhante carreira eminentes cargos, era major honorario, lente jubilado e director da escola polytechnica do imperio, commendador da imperial ordem da Roza, Grão-Cruz de diversas ordens estrangeiras e dignitario da I. O. do Cruzeiro.

Ulfanava-se de seu fallecido filho, o Sr. visconde do Rio-Branco, a Bahia.

Entretanto morreu. E a patria chora seu presado filho e cobre-se de luto e ennubla-se o firmamento brasileiro pela falta de um dos seus mais bellos astros.

GAZETILHA

Inauguração dos bonds.—Com o regosijo e entusiasmo da população desta capital, inaugurou-se sabbado á tarde o tráfego da linha de bonds entre o largo de Palacio e a rua de S. Marcos, no bairro do Matto-Grosso.

Diversos predios embandeiraram e o concurso de povo, na praça e por todas as ruas em que percorreram os bonds, foi extraordinario.

Todos querião vêr realisado este grande melhoramento.

Com effeito, ao som da excellente banda musical da sociedade *Guarany*, ás cinco horas mais ou menos, tendo S. Ex. o Sr. Dr. presidente da provincia, Dr. chefe de policia e outras pessoas entrado no primeiro bonds, partio este, seguido do outro repleto de convidados.

Fez-se o trajecto até á rua de S. Marcos, voltando depois S. Ex. e mais convidados á estação central, onde foram recebidos pelo distincto engenheiro Sr. Dr. Polydoro S. Thiago.

Este nosso patricio não tem poupado esforços afim de dotar esta capital com um melhoramento de tanta magnitude, como é o estabelecimento da linha de bonds.

Conseguiu seu desideratum.

Esta epocha marcará na historia da provincia de Santa-Catharina o primeiro passo dado na senda do progresso, passo agigantado que muito concorrerá para levantar a bella capital do abatimento em que jaz.

Hmra ao distincto engenheiro.

Pena é que se note na linha alguns pequenos defeitos, que, estamos certo, serão removidos dentro em breve, afim de que possa,

Mas uma vez que vieste, contame tudo por miúdo.

—Estou ás suas ordens, patrôa... Lá vai á sua saude... e á do menino Pedrinh já se deixava ver... Como elle está crescendo e forte! Está quasi um homem! observou Barnabé despejando o copo.

Em seguida, limpou os beiços com as costas da mão, e começou assim:

—Primeiro que tudo, assim que cheguei a Pariz, metti-me n'uma estalagem e pedi que me indicassem a do Gandoin. Sabe que o sr. Raynal tinha-me dado a morada...

—Sei, sim confirmou Magdalena.

—Fiz-me vendedor de sfros... quatro caixas um sou! E, a datar do dia seguinte, com um chapéo de abas largas carregado sobre os olhos, com os queixos mettidos n'uma enorme gravata, comecei a passear com a minha quitanda de esquina a esquina do boulevard. A casa tem uma porta só; eu não a perdia de vista. Havia tambem umas arvores muito grossas por detraz das quaes

me podia esconder. Mas não foi necessario. N'esse dia e no immediato o Gandoin não appareceu.

—O sr. Raynal, observou Magdalena, não te preveniu de que elle costumava passar dias e dias sem ir a casa?

—Prevenio, sim, patrôa, confirmou Barnabé. Foi por isso que, no terceiro dia, certo de que corria risco de me encontrar cara a cara com elle, entro e pergunto sem mais preambulos: O sr. Gandoin? O criado responde-me que não está em Pariz, que foi para o campo.—Qual campo?—O patetu sorriu maliciosamente e ajuntou: Se o senhor é amigo d'elle, deve sabel-o perfeitamente. Fingi que o tinha comprehendido, e passe por lá muito bem tive de vir-me embora com cara d'asno.

—Pobre rapaz!

—Escute. Quando batia em retirada, eis que apparece um operario, um carpinteiro. Sim... nós cá, os do officio logo nos conhecemos. De mais a mais elle trazia o avental da ordem, e, na algibeira, um enorme compasso.

O criado comprimenta-o como se elle fosse freguez da casa: «Muito boas tardes, sr. Antonio!» Tive logo uma idéa.

—Que foi?

—Vae ver a patrôa que cá o rapaz não é nenhum pateta. Na madrugada seguinte, ainda o dia vinha em casa de Deus fui collocar-me á porta de uma taberna que ha á esquina, á espera que o taberneiro abrisse. D'ahi a pedago vejo vir o Antonio. Aquillo basta a gente olhar para elle para ver que é um bom rapaz. «Olá, collega, gritei-lhe eu, quer aceitar-me um copo de vinho e prestar-me um favor?» Respondeu-me francamente que sim a ambas as coisas. Mandei encher quatro decilitros, e, bebendo e conversando, fui-dizendo que era do officio, que estava em Pariz ha poucos dias, que não conhecia ninguem, e finalmente, se elle podia fallar ao mestre em me dar trabalho.

O meu Antonio nem me deu tempo a acabar.

«Toque lá! exclamou elle; cahiu a sopa no mel; ha falta de gente

e a obra é com pressa... Venha d'ahi.»

Meia hora depois estava tudo arranjado. Eis-me feito amigo do Antonio.

—Bem! applaudiu Magdalena, foi elle quem te deu as informações

—E' como diz, proseguiu Barnabé, mas não foi tão breve como imagina, porque, sim... por causa das pressas é que muitas vezes succedem os precalços. O Antonio metteu-se-lhe na cabeça que havia de levar-me para a casa em que elle estava. Eu resisti, allegando que estava em casa de uma gente muito capaz, o que é a pura verdade. Elle, para me seduzir, não se fartava de elogiá-lo os outros companheiros. Não disse que sim nem que não; esperei. Afinal, um dia, diz-me elle: Tambem lá temos um companheiro... isso é que é um marão... Mas espeça, tu deves conhecê-lo... elle é dos Vosges... é de Vittel... Eu fiz-me palonço: «De Vittel? Como é o nome d'elle?—Gandoin—Gandoin? se conheço! Até me deve dinheiro, e olha que n'esta occasião fazia-me bem boa conta se o visse á unha.»

desde logo, prestar ao publico o serviço que della se espera.

Congratulamo-nos com a população de nossa capital por este importante elemento de progresso, dirigindo um aperto de mão ao Sr. Dr. Polydoro.

Tiro e morte.—Diz o *Jornal da Regoa*:

«Mais um acontecimento desastroso, dos que os jornaes estão quasi que diariamente noticiando e recommendando toda a cautella, acaba de ter lugar no Pinhão.

Um pedreiro, por nome José da Costa, estava junto com uns seus amigos a examinar um revolver. Nesta mesma occasião, passa por sua frente, José Miranda também pedreiro, trazendo na mão uma cesta de figos, e vendo que o revolver estava apontado para elle disse:—olha lá—se esse diabo está carregado, vira-o para o rio. José da Costa respondeu-lhe que não estava carregado, porém ainda a ultima palavra não estava pronunciada, ouve-se e detonação do tiro, e a bala foi cravar-se na testa do infeliz, que parece estava a prever o desastroso acontecimento.

O desventurado foi immediatamente conduzido em uma maca para o hospital desta villa, onde falleceu passados tres dias.

Este e outros casos fataes, não servirão um dia de exemplo ás pessoas que se entretêm nas experiencias destas perigosas armas?

Utilidade do limão.—As propriedades do limão fazem dessa fructa uma das mais recommendaveis.

A polpa do limão applicada sobre um callo e renovada pela manhã e á noite, fará desaparecer o callo em poucos dias.

Em principio de constipação o uso da limonada com assucar cura a tosse com rapidez. Serve também o limão para demonstrar si o pó de arroz da toilette contem ou não ingredientes nocivos e perigosos. Para isso deita-se em qualquer vazilha uma colher de pó de arroz, sobre elle expreme-se um pouco de limão.

Manifestando-se effervescencia o pó contem materias, que estragão a pelle, não deverá portanto ser empregado.

Descoberta importante.—Um jornal inglez diz o seguinte:

«O Gulfstream, essa grande corrente de agua quente, que sae do golfo do Mexico e atravessa o Atlantico até banhar as costas occidentaes da Europa e temperar os rigores do inverno na parte norte d'este continente, vae ser submettido a profundo exame

Os americanos deram já principio a esse trabalho, e o vapor *Blake*, pertencente aos Estados-Unidos, procedeu ultimamente a sondagens, dragagens e observações sobre a temperatura do mar.

Uma feliz carga de chumbo.—Um proprietario de Saint-Denis (Paris), Mr. L... estendeu no quintal uma rede de fios electricos, indo todos communicar com uma campainha destinada a avisalo quando entrassem os ladrões, que tinham por costume roubar-lhe periodicamente as suas flores e fructas. Uma filha delles, porém, namorava certo rapaz de Paris, o qual uma destas noites entrou no quintal, e enredando-se nos fios, fez tocar a campainha.

O proprietario sahe de casa armado e, ao ver dois vultos informes no jardim, dispara e o nosso namorado cahe ferido. Ao mesmo tempo a assustada noiva corre para o pai gritando:

—Que fez, meu pai? Não vê que é meu namorado?

O rapaz estava ferido levemente porque apenas recebera no corpo meia duzia de bagos de chumbo com que estava carregada a arma de Mr. L.

E' accusado accrescentar que este desastre foi tão feliz para os dois namorados, que Mr. L. já marcou dia para o seu proximo enlace.

Caro beijo.—Conta uma acreditada folha européa:

«Ha dias teve lugar em Gross-Kanikza (Hungria) a eleição de um deputado. O candidato official era nem mais nem menos que o celebre romancista Jokai.

«Mademoiselle X..., uma admiradora fanatica do talento deste escriptor e senhora de rara belleza, querendo por todos os meios alcançar o triumpho de Jokai na eleição, chegou a commeter o delicioso crime de comprar por um beijo o voto de eleitor M. C..., que pendia muito para o lado do do candidato opposicionista.

«M. C., levado por circumstancias particulares, a que não foi alheia a politica, accusou a gentil hungara de o haver subornado e declarou que o beijo em questão tinha para elle um valor de mais de 1,000 florins.

«Mademoiselle X., em vista de taes declarações foi já citada para comparecer perante uma policia correccional e, como as leis na Hungria são muito severas em materia de corrupção eleitoral é de crer que a famosa peccadora seja condemnada, senão a varios mezes de cadeia, ao menos a pagar uma consideravel multa.

Quem quererá o substituir?
—N'um jornal noticioso de Hespanha, lê-se o seguinte annuncio:

«Um preso condemnado a morte deseja encontrar um substituto.»

VARIEDADE

ROSINHA

(IMITAÇÃO)

IV

Vingança

— E além disso,—ajunctou Amelia,—fez-me uma desfeita no ultimo baile que o Castro deu.

— Qual foi?

— Inda não te-conteei?

— Não.

— Estava eu sentada n'uma das extremidades da sala, bem defronte da simploria da Lucia. A musica den signal para uma polka. Chegou-se a mim um moço, que não conheço, e começou a dizer:—«Exma., dá-me a honra»...—mas não acabou; Lucia levantou-se, dirigiu-se ao meu requerente, e, tomando-lhe o braço, disse:—«Eu quero dançar esta polka»—, e dançou, ficando eu sentada.

— Ella fez isso?— exclamou D. Gertrudes.

— Como acabo de contar.

— Quem sabe si o rapaz era namorado e ella teve ciumes?...

— Fôsse lá como fôsse, ella não devia dar semelhante passo, que excitou a hilaridade de uns e a critica de outros. Ao meu lado estava sentada uma senhora de idade, que disse, ao ver o disparate da Lucia:—«Ah! meu tempo!... No meu tempo não se-via isto. Fôsses tu minha filha, e já ias para casa para receber o castigo merecido»...—

— «E que castigo lhe-dava a Sra?...— perguntei».

— «Que castigo?...— Dáva-lhe uma boa sova de vara de marmello para não ser malcreada outra vez.. Intão porque namora o rapaz, está auctorizada a fazer desfeitas aos outros?...»—

— Já sabe o motivo porque queremos nos vingar d'ella?—disse Rosinha á sua mãe.

— Mas para que, meninas; intreguem essas cousas ao desprêso... O resultado da má acção recahe sobre quem a practica.

— Mas, minha mãe, é preciso que aquella amarella abaixe a prôa...

— Menina, páo que torto nasce tarde ou nunca se-indireita...

— Mas o pai...

— Ora, o pai! Quem o-viu e quem o-vê... O commendador bastante tempo andou com duas filhinhas de leite batendo pelas portas, quando era pequeno...

— Ah!...

— Depois deixou as latas e passou a ser caixeiro de uma tascasinha que houve ha um bom par de annos alli na esquina. A'vista d'estes principios, calculem vocês que ducação poderia elle dar á filha... Mas, emfim, façam lá o que quizerem. Eu não me-metto n'estas cousas...

E sahiu para deixar as duas moças em liberdade.

Rosinha e Amelia, assim que se-viram sós, deram-se as mãos, e exclamaram ao mesmo tempo:

— Vingança de ambos!..

V

A vida alheia

Os leitores conhecem o Castro, aquelle sujeito que deu um baile, e em cuja casa foi Amelia desfeiteada pela filha do commendador Souza?..

Não conhecem?...

Pois fazem mal em não intreter relações com o homem. Não sabem o que perdem. Castro é um homemsinho pequeno, magro, vermelho, alegre, impregado publico aposentado, tem por costume repetir o que os outros dizem, e usa barba de um feitio duvidoso, por isso que tem o desgosto de vel-a nascer e crescer por pelotões, ou melhor, em pequenos chumaços pelo rosto. E'roixo por uma reusiosinha; por isso, como dispõe de alguma fortuna e não tem filhos, costuma dar uma partidinhas por mez, para ter com quem conversar a farta, jogar o sólo a matar, e ouvir novidades.

Sam 8 horas da noite e 8 dias depois da scena que narrámos no precedente capitulo.

A sala do Castro começa a ircher-se de convidados de ambos os sexos; as flores, os perfumes, as luzes, as *toilettes* simples, mas de bom gosto, o movimento, a musica, a animação que reinam formam um pittoresco quadro, digno de ser apreciado pelo *quidam* mais misanthropo que vegete n'este valle de lagrymas, ou d'aquillo que quizerem.

Deixêmos os convidados conversarem a seu gôsto, e vamos ouvir o que dizem o Castro e um sujeito agigantado, gordo, corado e sisudo, incostados no vão de uma janella.

— Vai ter hoje uma soberba festa, meu amigo...— diz o gigante.

— Uma soberba festa, meu amigo.

— Creio que não faltou um unico convidado.

— Um unico convidado... Faltam dous... quero dizer, quatro... cinco...

— Ah! Intão não ha onde dançar-se.

— Onde dançar-se... Sempre hade haver.

— Quem sam?

— Quem sam? D. Gertrudes e sua filha, que eston esperando a cada momento...

— E quem mais?

— E quem mais? O Moraes, a mulher e a filha...
 — Ah! Pois essa gente ainda vem cá?
 — Pois essa gente ainda vem cá?—Vem, sim Sr., porque não hade vir? O Moraes é meu amigo...
 — Que é seu amigo sei eu.
 — Sei eu, que já tem dado provas...
 — Pois bem, mas tem uma filha inconveniente nas reuniões...
 — Uma filha inconveniente nas reuniões... Não sei porque... A Amelia é uma pombinha sem fél...

(Continúa)

Logogrifo por letras (C)

Mereci' horas divinas 3,13,8,20,18,9,7
 n'este tão profundo lago 6,16,7,15,4,14,5,11
 idolatrando esta nympa 12,2,9,18,13,7
 de outra nympa nome mago 20,12,3,19,17.
 Junto ás margens do Acheronte 6,14,1,17,12,11,13,7
 eu vi esta feiçoira 3,10,9,18,13,14,20
 foi deusa muito adorada 2,11,12,14,2,13,15
 n'esta festa prazenteira 8,13,5,2,12,13,6,14,3,7

Por acaso de conceito
 necessidade terá,
 para matar um logogrifo
 tão liso qual liso chão?..
 Pois não tentem decifral-o
 si tem médo do papá.

(C) Dá-se n'esta typographia um romance de Octavio Feuillet ao primeiro que até sabbado apresentar a decifração.

Um viajante pára em frente a uma estalagem, bate, mas não lhe respondem. Decide-se então a entrar e a primeira cousa que vê é o dono da casa em luta com sua mulher; a pancadaria chove de parte a parte e a mulher defende-se denodadamente. Querendo por termo á briga, o viajante dá um murro sobre a mesa e grita:

— Olá! quem é dono d'esta casa?
 O marido responde esbaforido:
 — E' justamente o que tratamos de decidir.

Balançava-se Sinhá, sorrindo á brisa
 Que fluctuava-lhe o lourissimo cabello,
 E, voando a saia, am lindo tornozello,
 Eu vi por entre as rendas da camisa...
 Vem mais forte a aragem e mais divisa
 Meu olhar, que começa a arder em zelo,
 E eu vejo, meu Deus! oh, que modelo!
 De perna torneada, grossa e lisa!
 E Sinhá, sem notar-me, bem contente
 Na copada lorangeira balanceia,
 Quando o accaso surge de repente;
 Fatal espinho rompe a linda meia
 E mostrou-me (Jesus, que incidente!)
 Os trapos de que estava a perna cheia!

×
 Camões viveu 56 annos.
 C 3
 a 1
 m 13
 õ 15
 e 5
 s 19
 —
 56

PUBLICAÇÃO A PEDIDO

Soneto acrostico

OFF. EM SIGNAL DE GRATIDÃO AO DIGNO BISPO DE S. PAULO, D. LINO DEODATO RODRIGUES DE CARVALHO.

Luz brotou do labio eterno
 Unindo aos bons Bocroméo,
 Mostrando ao perverso athéo
 Estrella de um bem superno.
 Não querem crêr no Evierno
 Inigos da luz do Céo?
 No furibundo escarcéo
 Certo crerão no inferno!
 Ousados buscão a chamma;
 Esquecem Christo Jesus;
 Lançam perolas á lama:
 Ostentão poder sem luz
 E vão conseguindo fama
 Sem curvar-se á Santa Cruz.....

Desterro, 4 de Novembro de 1880.

FRANCISCO PAULINO DA COSTA ALBUQUERQUE.

ANNUNCIOS

ATENÇÃO

José Nunes Lousada, tendo de retirar-se d'esta provincia pede a seus devedores o favor de mandarem pagar suas contas no prazo de 60 dias a contar d'esta data.
 Desterro, 15 de Outubro de 1880.

ATENÇÃO

O negocio de madeiras do Roberto, á rua de João Pinto esquina da rua da Lapa, está muito sortido de linhotes de todo comprimento, pernas de serra de 18, 20, 22, 23, e 25, palmos, taboas de costadinhos, soalho e ferro; de peroba, canellinha, caxeta, caxeta propria para portas de dentro; pranchões, barrotes ripas: tijolos, telhas e cal, de S. Francisco, tudo por preço razoavel.

A. FOURNYY

44, Rua d'Amsterdam, 44
PARIZ

Compras em Commissão de todos os Artigos francezes
 MEDIANTE FIANÇA EM BANCO OU DE OUTRO MODO
PREÇO 5 %

TODAS AS DESPEZAS Á CUSTA DO PEDINTE

A Casa obriga-se absolutamente a fazer todos os descontos até mesmo os descontos de dinheiro á vista a favor dos seus freguezes.

VINHO MEYNET

Ha quasi vinte annos que o celebre pharmaceutico Meynet, cujos trabalhos forão laureados pelo congresso medico de Pisa e pelas exposições universaes de Pariz, Lyão e Bruxellas, apresentou á *Academia de Medicina de Pariz* OS CONFITOS E O VINHO DE MEYNET DE XTRACTO NATURAL DE FIGADO DE BACALHÃO. A sua invenção foi saudada pelos maiores sabios do mundo medico. O dr. P. T. da Costa Alvarenga, lente da escola de Medicina de Lisboa, o dr. João de Kaleniczenko, lente da faculdade medica da Russia, o celebre medico Constantino James de Pariz, e varias outras celebridades encarecerão a efficaçia d'essa descoberta. A invenção Meynet tornou-se tão conhecida que o *grande Dictionario Universal do XIX seculo*, de Pierre Larousse, não trepidou em mencioná-la. Todas as revistas e jornaes de medicina, tanto de Pariz como do exterior, tecerão-lhe merecidos encomios.

OS CONFITOS E O VINHO DE MEYNET DE EXTRACTO NATURAL DE FIGADO DE BACALHÃO tem sido imitados; mas os medicos e os enfermos hão de sempre preferil-os a todos os productos mais ou menos arranjados para aproveitarem o triumpho logrado por essas uteis invenções que achão-se a venda hoje em dia em todas as boas pharmacias.

DEPOSITO NO RIO DE JANEIRO
A. MEYER, drognista,
 RUA NOVA DO OUVIDOR

Merveilles du Piano

NOUVEL ET MAGNIFIQUE ALBUM
 Collection Inédite
 de 100 Morceaux Choisis,
 signés des Meilleurs Maitres classiques
 et Modernes

prix au public 20 francs

Nous offrons aux Journaux qui voudraient se charger de la vente de cet Album á leurs lecteurs de leur expédier

au prix de 13 francs

Francs d'emballage (caisse bois et fer blanc et de transport jusqu'à Rio de Janeiro ou autre port desservi par une ligne de courriers

(Il est essentiel de nous envoyer en traites ou autres valeurs, autant de fois 15 fs. qu'il est demandé d'albuns. Nous n'expédions que sur couvertures)

Typ. Commercial, — rua da Constituição